

Turismo de pesca no Pantanal Sul: uma análise dos impactos, riscos e desafios da pandemia da COVID-19

Fishing tourism in the South Pantanal: an analysis of impacts, risks and challenges of the COVID-19 pandemic

José Roberto da Silva Lunas, Elizabeth Dalana Pazzello

Resumo

O Pantanal é a maior planície alagada do mundo, está incrustado na região da Bacia Hidrográfica do Rio Paraguai, entre Brasil, Bolívia e Paraguai, e mantém uma bela e exuberante biodiversidade. É um dos destinos mais apreciados por praticantes de pesca esportiva amadora e, desde a década de 1970, vem consolidando e desenvolvendo uma estrutura turística para receber os cerca de 80 mil visitantes que procuram, anualmente, essa região para pescar. Em 2020, auge da pandemia da COVID-19 no Brasil, verificou-se uma queda abrupta do fluxo de visitantes face a restrições às viagens e necessidade de distanciamento social de modo a preservar a capacidade do sistema de saúde pública. A crise decorrente da interrupção do turismo de pesca provocou o fechamento, principalmente de pequenos negócios, demissão e aumento de problemas sociais nos principais municípios receptores dos turistas de pesca. Este trabalho se debruçou sobre as mudanças e decisões tomadas durante a crise pandêmica com o objetivo de estabelecer elos de aprendizado com as perspectivas de retomada desta importante atividade econômica para o estado de Mato Grosso do Sul. Os resultados do estudo apontam para a necessidade de ações que permitam fortalecer os municípios e os pequenos empreendimentos com maiores fragilidades, sinalizando para as perspectivas de diversificação da oferta, aprimoramento da gestão e busca por segmentação junto a novos praticantes da pesca esportiva amadora, e posicionamentos mais sustentáveis de negócios e destinos.

Palavras-chave: Turismo Sustentável; Marketing; Gestão do Turismo.

Abstract

The Pantanal biome is the world's largest wetland with exuberant biodiversity. Located in the Paraguay river basin, it lies within Brazil, Bolivia, and Paraguay. It is a tourist

destination much appreciated by amateur sport fishing practitioners and since the 1970s it has been developing tourism services and infrastructure to receive approximately 80 thousand fishing tourists a year. Throughout 2020, when the COVID-19 pandemic largely affected Brazil, there was a significant drop in the flow of visitors due to restrictions on travel and the need for social distancing to preserve the capacity of the Brazilian public health system. The crisis resulting from the closure of fishing tourism activities caused the collapse of small and large businesses, the dismissal of employees, and increased social problems in the main municipalities of the tourism fishing regions. This work focused on the changes and decisions taken during the pandemic crisis to establish learning links with the prospects of resuming this important economic activity for the state of Mato Grosso do Sul, homeland to Southern Pantanal. The results of the study point out the need for actions that can strengthen municipalities and small businesses that are exposed to larger weaknesses, signaling the prospects of diversification of tourism offers, improvement of management, the search for new practitioners of amateur sport fishing, and sustainable positioning of businesses and destinations.

Keywords: Sustainable Tourism; Marketing; Tourism Management.

Introdução

Com cerca de 140 mil quilômetros quadrados em território brasileiro, 65% deles no Mato Grosso do Sul, o complexo do Pantanal é um bioma de rara exuberância de fauna e flora. São cerca de 3,5 mil espécies de flora, 124 espécie de mamíferos, 463 espécies de aves e 325 espécies de peixes (ICMBio, 2020). Para a maior parte dos 2,8 milhões de sul mato grossenses (IBGE, 2021), trata-se de uma paisagem desconhecida. Mas não é desconhecida de todos. Dentre os estimados 80 mil turistas de pesca que frequentam a porção sul mato grossense do Pantanal, a maior parte é do próprio estado. Não existem estatísticas específicas de medida de fluxo para o turismo de pesca, mas os números de licenças de pesca emitidas indicavam uma quantidade crescente de praticantes da pesca esportiva amadora, com cerca de 83 mil licenças emitidas no ano de 2019.

Em 2020, com a chegada da pandemia, observou-se um grande choque para os principais destinos de turismo de pesca no Estado, principalmente, os da região do Pantanal sul mato grossense (Pantanal Sul), como Aquidauana, Coxim, Bonito, Corumbá, Miranda, Ladário e Porto Murtinho. Todos estes muito dependentes do Turismo de Pesca. A crise desencadeada com a pandemia provocou queda de renda e demissões nestes destinos, com o consequente aumento de desigualdades e problemas sociais, mas também obrigou a tomadas de decisões corajosas, novas parcerias e, sobretudo, criatividade em busca de soluções que assegurassem a sobrevivência dos pequenos negócios locais que dependem da atividade e que foram os mais atingidos (Governo do Estado do Mato Grosso do Sul, 2020a).

Para quem estuda e discute este tema, a crise pandêmica revelou acontecimentos

instigantes do ponto de vista de pesquisa, quanto à segurança sanitária, gestão da oferta dos serviços e decisões de marketing sobre segmentação e posicionamento da oferta dos sistemas mais consolidados. Por outro lado, também foram verificadas oportunidades de investigação acerca da incapacidade de reação dos pequenos negócios e polos turísticos menos consolidados. Estes foram justamente o mote do presente trabalho, cujos objetivos foram analisar e discutir os impactos e aprendizados durante a pandemia da COVID-19, e analisar perspectivas e ações do poder público e empreendedores do turismo de pesca para a retomada pós-crise pandêmica.

Para investigar estes elementos foi necessário estabelecer um elo com outros trabalhos realizados sobre turismo de pesca e pesca esportiva amadora. Foram levantados dados sobre o sistema turístico do Pantanal Sul com contribuição de trabalhos anteriores e realizadas novas entrevistas em profundidade com representantes do trade turístico e da Associação dos Pescadores do Pantanal, além da utilização de dados recentes, divulgados pela Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul (FUNDTUR) e pelo Governo do Estado. O presente estudo intentou estabelecer algum foco na elaboração de um panorama dos impactos e desafios proporcionados pela pandemia, de modo a propor prioridades de aprendizado para os sistemas turísticos e para os empreendedores que atuam na região.

Este texto foi estruturado com uma revisão inicial da literatura envolvendo pesca esportiva e amadora, além de aportes sobre segurança e gestão do turismo durante a pandemia. O foco de análise, descrito nos itens posteriores foram sobre a estrutura, fluxo turístico e principais ocorrências e mudanças na região alvo do estudo. Finalmente, foi elaborado um resumo dos principais elementos de aprendizado para os sistemas turísticos e seus principais atores e empreendedores, o que foi apresentado nas considerações finais.

Pesca Esportiva Amadora e Turismo de Pesca

O assunto turismo de pesca é pouco discutido na literatura e não existem conceitos estabelecidos para este segmento. O que se explora de modo mais aprofundado é a vertente da pesca esportiva amadora. Embora não totalmente equivalente, a discussão sobre pesca esportiva serve para abordar alguns conceitos teóricos úteis e que mantêm intersecção com o turismo de pesca. O conceito de pesca esportiva amadora é discutida por autores como Violin e Alves, (2017), Muñoz (2018) e Catella (2005) que, de maneira geral, referiram-se a ela como sendo uma atividade praticada com equipamentos ou petrechos limitados por legislações que os diferenciam dos pescadores profissionais e com finalidade de lazer ou competição.

Uma característica importante do turismo de pesca é a chamada desintermediação, que é uma desconexão com a necessidade de serviços de agências de viagem e/ou operadoras (Law et al., 2015), pelo fato de o turista conhecer o local, preços e funcionamento, negociando as viagens diretamente com os meios de hospedagem ou barcos-hotéis, o que é uma demonstração do papel de centralidade que os meios de hospedagem desempenham nos destinos de pesca. A desintermediação de serviços, dentro da cadeia produtiva do turismo, é impulsionada pela internet e mídias sociais (Kaewkitipong, 2011; Law et al., 2015; Ramos, 2010). Associando o turismo de pesca como uma atividade turística, Muñoz

(2018) argumentou que a pesca é “uma atividade vivencial”, que coloca o praticante em contato com o ecossistema e a cultura, despertando grande interesse por suas nuances.

Na visão dos próprios pescadores, a pesca esportiva amadora é um hobby que oportuniza, principalmente, sensação de relaxamento e contato com a natureza na companhia de amigos, e momento em que é possível demonstrar destreza e conhecimento, além de demonstrar a competência e habilidade para adquirir os melhores equipamentos (Abreu et al., 2015). Catella (2005) ensinou que, no Pantanal, esta atividade turística é marcada pelo ecossistema e que, além de satisfazerem seus prazeres esportivos, são beneficiados pela proximidade com a flora e fauna pantaneiras.

Na ausência de uma conceituação mais precisa, o presente trabalho utiliza a definição desta atividade no setor de hospitalidade e turismo, entendendo-se que o turismo de pesca é o procurado por turistas praticantes de pesca esportiva amadora para fins de lazer e recreação, ou, pelos denominados simplesmente, de turistas de pesca.

Desafios para a Exploração Responsável das Atividades Correlatas em Destinos Turísticos durante e após a Crise Pandêmica

A pandemia da COVID-19 criou dificuldades e desafios inéditos para os sistemas turísticos. Desemprego, insolvência de pequenos e até grandes negócios, crise sociais foram reflexos em regiões anteriormente altamente dependentes do crescimento do fluxo turístico (Governo do Estado do Mato Grosso do Sul, 2020a). O desenvolvimento socioeconômico gradual proporcionado pelo crescimento da atividade nos últimos anos acabou sendo penoso para tais regiões, como demonstram diversos estudos acadêmicos recentes que apontaram para o potencial de perda de empregos e necessidade de ações governamentais para prover renda e segurança alimentar (Burke, 2021; Jamal & Budke, 2020; Škare et al., 2021). A redução de fluxo de forma tão impactante faz com que destinos tradicionais tentem aprender com a crise e se voltem para a necessidade de diversificação da oferta, incluindo o turismo de pesca, como é o caso das ilhas Tenerife, na costa da África (Rodríguez & Darias, 2021).

Entretanto, mesmo o turismo de pesca tem sofrido com os impactos socioeconômicos negativos devido à redução do fluxo turístico, principalmente durante o ano de 2020, com a redução do número de voos que traziam os turistas dos destinos tradicionais (Fonseca et al., 2021). No estado de Mato Grosso, municípios como Poconé, Cáceres e Barão do Melgaço buscaram incentivar o turismo doméstico e encontrar soluções criativas na tentativa de manter negócios e empregos.

A crise pandêmica obrigou os gestores de destinos e empreendimentos turísticos a adotarem medidas para reduzir riscos de contágio. Medidas de higienização e redução de contatos têm sido adotadas com prováveis impactos no pós-pandemia. Jiang e Wen (2020) relataram, por exemplo, que os meios de hospedagem devem adotar a robótica e a inteligência artificial para reduzir o contato humano no atendimento dos hóspedes, além de medidas de higienização de superfícies e revisão de sistemas de ar condicionados centrais, e afirmaram que tais medidas serão cada vez mais frequentes no futuro.

Pela natureza das atividades com características de inseparabilidade de recursos humanos e simultaneidade da oferta, em que o serviço é prestado ao mesmo tempo em que é consumido, o setor de turismo é um dos mais suscetíveis aos problemas advindos da crise pandêmica. Por isso, a adaptação da gestão na retomada pós-pandemia deverá focar em quatro principais dimensões: “gestão de processos, gestão de instalações e capacidade, gestão de pessoas e gestão das interações com clientes” (Coelho & Mayer, 2020).

As preocupações mais imediatas são dirigidas às medidas sanitárias, como as que foram adotadas, por exemplo, em Corumbá, para permitir a continuidade da operação dos grandes barcos-hotéis de pesca. Um protocolo emitido pela Prefeitura Municipal, em comum acordo com normas da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), exigiu vários procedimentos – como o treinamento de funcionários e outras medidas para verificação de embarques – necessários ao retorno das operações após um período de interrupção de 4 meses, em 2020 (Governo do Estado do Mato Grosso do Sul, 2020b).

Por fim, é necessário voltar-se às perspectivas de mudanças quanto aos hábitos dos turistas e à necessidade de busca de novos segmentos de mercado (Vărzaru et al., 2021), estabelecendo novos canais de comunicação e distribuição com mercados emissores domésticos e mais próximos dos destinos, e com novos praticantes do turismo de pesca. Nota-se a presença, cada vez importante, do segmento feminino e grupos familiares no turismo de pesca, trazendo com isso uma preferência por práticas mais sustentáveis. A segmentação é praticada por destinos turísticos que pretendam dirigir a oferta turística de modo mais eficiente, dirigindo ações promocionais por meio da divisão do mercado em grupos homogêneos. A segmentação deve ser seguida de boas decisões de posicionamento (Morrinson, 2012). Na atual conjuntura, os destinos turísticos devem se posicionar de modo a aproveitar a tendência de crescimento de segmentos de mercado que buscam ofertas que apresentem mais cuidados com segurança sanitária e sustentabilidade da oferta turística (Pardo & Ladeiras, 2020; Vărzaru et al., 2021).

Existem vantagens expressivas da decisão de segmentação. Uma delas é o aumento do efeito multiplicador econômico, outra é a redução dos efeitos de quedas sazonais de fluxo. O efeito multiplicador econômico é a adição de rendimento em uma economia local, a partir de do aumento das despesas turísticas iniciais. Já os efeitos de sazonalidade de fluxo turístico são comuns em todas as modalidades, mas podem ser reduzidos com ações de marketing (Cabugueira, 2005; Pereira et al., 2014).

Material e Métodos

Este trabalho se baseou em estudo de caso de natureza qualitativa com uso de dados secundários, pesquisa bibliográfica e entrevistas em profundidade com empreendedores do setor de turismo de pesca. Para o seu desenvolvimento, foram utilizados aportes de textos anteriores sobre o assunto turismo de pesca. Os esforços anteriores para elaborar relatórios de pesquisa e organização de informações sobre o turismo de pesca foram fundamentais para apresentar uma caracterização inicial do sistema turístico de pesca do Pantanal Sul, e também para apresentar delineamentos acerca da importância socioeconômica da atividade em Mato Grosso do Sul.

A pesquisa de campo, realizada em período anterior à pandemia, em 2017, foi possível devido a uma parceria que envolveu pesquisadores da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Universidade de Brasília, oriundos do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) e foi financiada pela Agência Nacional de Águas (ANA). O trabalho original buscou levantar impactos ambientais e socioeconômicos da implantação de empreendimentos hidroelétricos de pequeno porte na Bacia do Rio Paraguai e a partir dele foram obtidos dados, por meio de entrevistas com pescadores amadores, além de empresários do setor de turismo, proprietários e gestores de pousadas, barcos-hotéis, restaurantes, proprietários de lojas de pesca, entre outros empreendimentos. Esta pesquisa foi qualitativa, por esse motivo, a amostra não foi determinística, sendo aplicada com base em questionários estruturados e semiestruturados, direcionados para cada segmento, localizados nos principais municípios receptores de turismo de pesca do Pantanal. Especificamente no Pantanal Sul, foram definidos pela coordenação da pesquisa os municípios de Aquidauana, Anastácio, Corumbá, Coxim e Miranda.

Para a discussão central deste texto foram levantados documentos e dados em bases de dados do governo do estado de Mato Grosso do Sul, contidas no Observatório do Turismo de MS e Governo Federal, com buscas sobre os dados do selo de turismo responsável, além de informações sobre decretos e publicações dos municípios que exploram o turismo de pesca. Finalmente, foram realizadas entrevistas por mídias eletrônicas e contatos telefônicos com empresários do setor de turismo de pesca.

O Observatório de Turismo de MS, que foi fundamental para apresentação de dados sobre turismo de pesca, iniciou as atividades de compilação de dados sobre o turismo em Mato Grosso do Sul, no final do ano de 2017. Além de manter em sua estrutura uma equipe técnica responsável por coletar em primeira e gerenciar dados estatísticos, recebe contribuições como a da Capitania Fluvial do Pantanal Marinha do Brasil, em Corumbá.

Características do Turismo de Pesca no Pantanal Sul

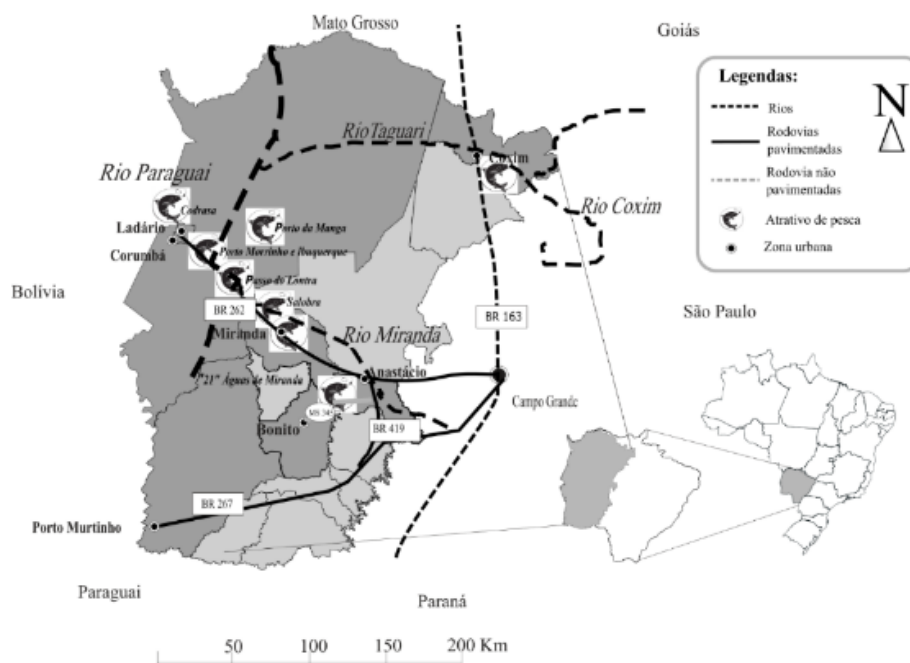
O Pantanal Sul Mato Grossense, ou simplesmente Pantanal Sul, como a ele se referem autores como Castella (2005), e Gordo e Campos, (2003), compreende os municípios da região da Bacia do Rio Paraguai limitados ao Estado de Mato Grosso do Sul. O Pantanal Sul, que detém aproximadamente 2/3 da área total do Pantanal, é constituído de um planalto e uma imensa planície alagável cujo principal rio é o Paraguai. O principal fenômeno que molda suas características físico-climáticas é o alagamento cíclico que percorre a área alagável que tem até 130 quilômetros de largura, por um período de 3 meses a 6 meses para percorrer sua extensão de, aproximadamente, 700 quilômetros, desde as regiões de Cáceres e Poconé, até o município de Porto Murtinho.

O pantanal foi formado, inicialmente, pelos movimentos tectônicos que também originaram os Andes e, posteriormente, por processos de mudanças climáticas como as ocorrências glaciais na transição entre as eras do pleistoceno e do holoceno, o que significa situar sua idade como planície alagada, entre 2 milhões e, aproximadamente, 10 mil anos atrás, quando se formou a atual estrutura úmida sujeita a aluviões e movimentos

sedimentares naturais carregados pelos rios da região, principalmente pelo canal do Taquari (Assine & Soares, 2004).

Dos 86 municípios pertencentes à Região Hidrográfica do Paraguai, 33 se localizam no MS (MMA, 2006). Dentre estes, estão os principais destinos de turismo de pesca: Coxim, Corumbá, Aquidauana, Anastácio, Bonito, Miranda, Ladário e Porto Murtinho (Figura 1). Bonito e Anastácio se inserem neste rol por abrigarem um dos mais importantes locais de turismo de pesca na região chamado “21”, que é um distrito às margens do Rio Miranda acessível pelo km 21 da rodovia BR 419, entre Aquidauana e Nioaque. Na sua margem direita, encontra-se o Distrito 21 (pertencente ao município de Anastácio) e à margem esquerda o distrito Águas do Miranda (município de Bonito). Este distrito sempre esteve sob maior influência de Bonito, que deve aumentar ainda mais com a conclusão da pavimentação asfáltica entre este município e o distrito em comento na sua margem esquerda (MS 345) e, posteriormente, até a BR 419 (margem direita). A pavimentação deste trecho facilitará o acesso a muitos meios de hospedagem que já operam na região, permitindo importante incremento das opções de turismo de pesca.

Figura 1
Principais Locais de Turismo de Pesca no Pantanal Sul



É importante ressaltar diferenças socioeconômicas (Tabela 1), de estrutura turística, como demonstraremos a seguir no tópico sobre isso e, também, de avanços em relação a qualidade dos serviços, cujas diferenças podem ser demonstradas por meio da preocupação dos empreendimentos com o sistema de certificação (como se verá na Tabela 5, acerca da adesão ao selo de turismo responsável).

As evidentes disparidades entre os principais municípios de pesca do Pantanal Sul (Tabela 1), dificultam o seu próprio desenvolvimento em um círculo vicioso difícil de romper. A face mais perversa do turismo de pesca, como a prostituição, e mesmo a criminalidade da prostituição infantil e tráfico de drogas, reduz as perspectivas de boas políticas e opções estratégicas de novas empresas e geração de renda para os moradores. Bonito se sobressai em termos de renda *per capita*, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e população ocupada com carteira assinada por ter tido investimentos e políticas de desenvolvimento no turismo de natureza desde meados da década de 1990.

Tabela 1

Socioeconomia dos Principais Municípios de Pesca do Pantanal Sul

Município	População estimada (2021)	PIB per capita (R\$)	IDH	População ocupada (%) (1)
Aquidauana	48.184	20.066,24	0,688	12,8 %
Anastácio	25.336	19.920,79	0,663	11,4 %
Bonito	22.401	36.096,37	0,670	24,6 %
Corumbá	112.669	24.943,59	0,700	15,4 %
Coxim	33.547	26.639,52	0,703	16,2 %
Miranda	28.423	18.405,33	0,632	14,5 %
Ladário	24.040	15.570,66	0,704	15,0 %
Porto Murtinho	17.460	20.712,39	0,666	8,9 %

Nota. Fonte: Adaptado de IBGE (2021). *Portal Cidades*. <https://cidades.ibge.gov.br/>
(1) Dados 2019.

Estrutura de Turismo de Pesca no Pantanal Sul

O levantamento realizado na pesquisa realizada em parceria com a ANA e levantamento posterior, contabilizou uma rede de 132 meios de hospedagem no MS voltados ao turismo de pesca – hotéis, pousadas, pesqueiros/pousadas e ranchos/pousadas. Essa cifra inclui 22 barcos-hotéis em Corumbá, 1 em Miranda e 10 em Porto Murtinho. Destes 132, 81 são exclusivos para turistas de pesca e 51 são mistos, ou seja, recebem outros turistas e viajantes de negócios. A Tabela 2 apresenta o número de meios de hospedagem contabilizados na pesquisa nos principais municípios alvo.

Tabela 2

Quantidade de Meios de Hospedagem em Mato Grosso do Sul (2019)

Municípios	Meios de hospedagem exclusivos para turistas de pesca	Meios de hospedagens mistos	Número total de Meios de Hospedagem
Anastácio/Bonito (Distrito Águas do Miranda)	8 (1)	-	8
Coxim	21	19	40
Miranda	8 (2)	3	11
Corumbá	10	7	17
Corumbá - Barcos-Hotéis Ladário	22	-	22
Porto Murtinho	-	2	2
Porto Murtinho	2 (1)	20 (1)	22
Porto Murtinho Barcos - hotéis	10 (1)	-	10
TOTAL	81	51	132

Nota. Elaborado pelos autores com base nos dados primários levantados (Dados de 2018). Levantamento posterior com informações em sites especializados (Dados 2020)¹. Um desses hotéis é barco-hotel².

Embora não seja possível estimar corretamente, existe um número muito grande de residências particulares denominadas de “ranchos”, frequentadas por seus proprietários, familiares e amigos, mas, por vezes, alugados em todos os municípios do Pantanal Sul. Apenas em Coxim, um técnico da secretaria municipal entrevistado citou a existência de cerca de 300 ranchos. Os indicativos apontaram que na região de Miranda também há uma alta incidência de ranchos particulares frequentados por seus proprietários, familiares e amigos, mas em menor volume do que em Coxim.

Estes destinos turísticos são procurados, fora do período de pandemia, por mercados emissores prioritariamente domésticos, principalmente provenientes do estado de São Paulo. Outros importantes emissores são: Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Distrito Federal. O meio de transporte mais utilizado por estes turistas é o transporte rodoviário (Governo do Estado do Mato Grosso do Sul, 2019). Pequena parte dos turistas utiliza transporte aéreo e são, normalmente, os que compõem os grupos que optam pelos barcos-hotéis da região de Corumbá e Porto Murtinho.

O perfil médio do turista de pesca no pantanal é homem, casado, tem mais de 40 anos, e, quando vem ao Pantanal, hospeda-se em um pesqueiro (rancho de pesca) ou em uma pousada. O tempo de permanência predominante se situa entre 3 a 4 dias (em aproximadamente 40% dos casos)(Governo do Estado do Mato Grosso do Sul, 2020c).

Nos destinos mais consolidados como Corumbá e Bonito, foram verificados esforços para adotar estratégias de segmentação e posicionamento de modo a reduzir os efeitos negativos da queda do fluxo tradicional de turistas de pesca. O efeito multiplicador

econômico é mais favorável aos destinos que buscam este caminho havendo maior geração de renda nos destinos.

Em Coxim, que mesmo antes da pandemia não conseguia atrair novos segmentos, o setor tem sofrido ainda mais com a queda de faturamento. Ademais, um empresário entrevistado, que explora meio de hospedagem, relatou sua descrença de que ocorrerão melhorias nos próximos anos. Segundo este empresário, Coxim recebe um grande número de turistas de pesca que não compram na região, e buscam os numerosos ranchos de pesca existentes no município. Segundo ele, este tipo de público não é interessante, pois acaba com os peixes e não deixa nada para a cidade.

Normalmente, o turista de pesca é fiel ao destino turístico, retornando mais vezes do que se observa em outros segmentos do setor de turismo e hospitalidade. A maior parte dos turistas de pesca (aproximadamente, 63% dos casos) retorna à mesma destinação mais de 5 vezes (Governo do Estado do Mato Grosso do Sul, 2019). Segundo Galdino e Resende (2000), o período de maior fluxo de turistas de pesca é entre os meses de agosto, setembro e início de novembro. O período de defeso (piracema), normalmente, vai do início de novembro até o final do mês de fevereiro e, durante este período, as atividades de turismo de pesca ficam paralisadas e os equipamentos inativos.

Não há precisão estatística sobre o total de turistas de pesca que visita a região, anualmente. Considerando apenas o número de licenças de pesca emitidas entre 2014 e 2018, na plataforma Seriema do IMASUL, é possível estimar em média 50 mil turistas por ano (Tabela 3). Mas o número de visitas pode ser maior que o divulgado, pois cada pessoa com licença volta mais de uma vez ao ano aos destinos usuais, principalmente aqueles que moram no próprio estado e mantêm ranchos de pesca no Pantanal Sul.

Tabela 3

Licenças de Pesca Emitidas por Modalidade em Mato Grosso do Sul de 2014 a 2020

Modalidade	2014	2015	2016	2017
Desembarcada	4.652	7.403	7.462	8.682
Embarcada	30.377	45.198	47.350	58.752
Pesque e solte	109	159	169	219
Subaquática	37	47	57	87
TOTAL	35.175	52.807	55.038	67.740
Modalidade (cont)	2018	2019	2020	
Desembarcada	7.503	24.845	4.032	
Embarcada	60.069	57.506	26.544	
Pesque e solte	362	922	3.731	
Subaquática	132	267	169	
TOTAL	68.066	83.540	34.476	

Nota. Adaptado de Governo do Estado do Mato Grosso do Sul (2019). *Perfil do Turista de Pesca: Pesquisa de Demanda Turística de Mato Grosso do Sul.*

<http://www.observatorioturismo.ms.gov.br/>

O estudo do perfil dos turistas de pesca realizado pela FUNDTUR, em 2019, revelou que a maior parte dos turistas permanece entre 5 a 6 dias (50,35%) no destino de pesca; Permanecem, de 3 a 4 dias, 22,58% dos turistas; mais de 7 dias, 22,48% dos turistas; e, menos de dois dias, 4,6% dos turistas (Governo do Estado do Mato Grosso do Sul, 2019).

Os meios de hospedagem mais caros são os barcos-hotéis, pois as suas diárias compreendem hospedagem, refeições, barcos de pesca, combustível, pilotos e iscas. Alguns incluem a recepção e o traslado desde os aeroportos. Os mais baratos são ranchos ou pesqueiros nas beiras dos rios, sem fornecimento de refeições. Os valores de diárias podem variar de menos de R\$ 100,00 nos ranchos de pesca a mais de R\$ 1 mil nos barcos-hotéis.

Os turistas gastam diariamente, em média, R\$ 731,00, mas com fortes variações na região. Os turistas dos barcos-hotéis gastam, localmente, pelo menos R\$ 1.100,00 *per capita* por dia, enquanto os turistas de Coxim gastam R\$ 241,00, abaixo da média das diárias de MS (R\$ 262,00) (Governo do Estado do Mato Grosso do Sul, 2019).

Na retomada do turismo de pesca no pós-pandemia, a FUNDTUR realizou nova pesquisa com os turistas de pesca relacionada às intenções de gastos em permanência no destino. Percebeu-se uma retração da renda dos visitantes e evidente preocupação com limites de gastos, além das questões de protocolos de segurança. A maior parte dos turistas declarou que pretende gastar entre R\$ 500,00 e R\$ 1.500,00 *per capita* (esta faixa de gasto compreende 57% dos respondentes), em todo o período que permanecer no destino de pesca (Governo do Estado do Mato Grosso do Sul, 2020b).

Atuação de Governos e Empresários durante a Pandemia da COVID-19

Em Mato Grosso do Sul, o período em que é permitida a pesca profissional e amadora (turismo de pesca) se estende de fevereiro até o final de outubro de cada ano. Em 2020, o governo do estado reduziu as cotas para o pescador amador. De acordo com Decreto nº 15.375/2020, cada pescador pode levar apenas um exemplar de espécime nativo, com opção de mais cinco piranhas. Antes deste decreto, havia a possibilidade de transporte de até cinco exemplares de qualquer espécime, desde que respeitados tamanhos máximos e mínimos. Isso obriga a prática do sistema de “pesque e solte”, ou consumo no local.

Outras medidas impactantes para a pesca foram tomadas pelo governo do estado, como a proibição da pesca do Dourado (*Salminus brasiliensis* ou *Salminus maxillosus*), por meio da Lei Estadual nº 5.321/2019 e a cota zero, ou seja, a proibição de transporte de pescado por pescadores amadores a partir de 2020, por meio do Decreto Estadual nº. 15.166/2019, alterado depois pelo decreto nº. 15.375.

Empresários do setor entrevistados apontavam o ano de 2020 como um dos mais promissores para o turismo de pesca. O clima estava bom e se percebia um aumento da piscosidade nos principais rios da região. Contudo, devido às restrições sanitárias, neste ano, houve forte queda do fluxo turístico. A atividade de turismo de pesca no Pantanal havia sido suspensa por 4 meses, em 2020, devido à pandemia. Com a chegada

da vacinação e reabertura dos locais de pesca, houve uma pequena recuperação do fluxo no segundo semestre de 2020.

Um bom indicador da evolução do turismo de pesca são os embarques nos barcos-hotéis. O embarque de turistas nesses meios de transporte registrava, até o ano de 2018, um crescimento. Dados obtidos nas entrevistas apontaram para uma mudança significativa no perfil dos turistas nos últimos três anos. A participação de mulheres e grupos familiares cresceu muito em 2020 e 2021, e as expedições com grupos familiares e cônjuges, representam em torno de 35% das viagens (Governo do Estado do Mato Grosso do Sul, 2019).

Representante da Associação dos Pescadores do Pantanal, sediada em Campo Grande (MS), afirmou que a presença das mulheres em expedições de pesca aumentou muito, sobretudo durante a pandemia. Embora, estatisticamente, a participação feminina na emissão de licenças de pesca seja de apenas 8%, ela tende a aumentar, segundo o estudo do perfil de turista de pesca publicado em 2020.

Empresários do setor têm realizado ações promocionais para aumentar a participação destes novos segmentos de mercado no turismo de pesca. No final da temporada de pesca, em outubro de 2020, na cidade de Corumbá – a qual mantém a melhor estrutura para o turismo de pesca do Pantanal – um grupo exclusivamente composto de mulheres, com 42 integrantes desembarcou em voo fretado desde Uberlândia, para uma expedição de pesca de 6 dias no rio Paraguai (Governo do Estado do Mato Grosso do Sul, 2020d).

A adoção de novas alternativas e ofertas de novos serviços de cruzeiros fluviais, com a realização de atividade de turismo de natureza, permitiu a saída de barcos inclusive durante o período de defeso, quando não é permitido nem mesmo o sistema “pesque e solte” (Tabela 4). A chegada da pandemia, em 2020, alterou a tendência de alta e criou restrições sanitárias para os cruzeiros. Normalmente, quando não é permitida a pesca, tais equipamentos ficam inativos.

Tabela 4
Embarques Mensais em Barcos-hotéis

Mês	2018	2019	2020	2021
Janeiro	329			
Fevereiro	125	451	1658	770
Março	1396	1189	806	683
Abril	1384	1196	148	697
Maiο	2186	1681	99	1057
Junho	933	1669	377	1421
Julho	1530	648	769	1576
Agosto	1543	1118	511	1880
Setembro	1398	1940	1087	2257
Outubro	517	1986	982	1532
Novembro	1643			
Dezembro	1616			

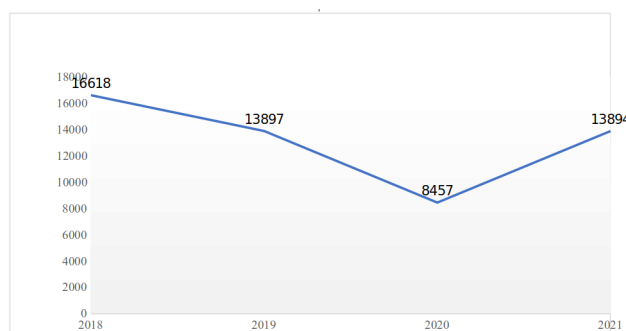
Mês	2018	2019	2020	2021
TOTAL	16618	13897	8457	13894

Nota. Fonte: Adaptado da base de dados da Capitania Fluvial do Pantanal da Marinha do Brasil publicados em boletins da FUNDTUR.

A forte retração do número de turistas, em 2020, é evidenciada na Figura 2. Empresários do setor esperavam uma recuperação do fluxo em 2021, contudo, a nova onda com pico de contaminações, a partir de fevereiro de 2021, provocaram inseguranças e restrições às viagens e ao setor. O número de turistas de pesca melhorou, mas não atingiu o fluxo estimado nos anos anteriores à pandemia da COVID-19.

Figura 2

Número Anual de Turistas em Barcos-hotéis



Nota. Fonte: Adaptado da base de dados da Capitania Fluvial do Pantanal da Marinha do Brasil publicados em boletins da FUNDTUR.

De maneira geral, durante a crise pandêmica, os empresários que agenciavam vendas de pacotes para o turismo de pesca para os destinos de pesca do Pantanal Sul, priorizaram vendas para os mercados locais, como Campo Grande, Dourados, além de turistas com perfis socioeconômicos mais abastados, que não enfrentaram dificuldades logísticas para acessar os destinos mais preparados, a exemplo do município de Corumbá.

Em 2021, os dados também apontaram para um aumento da preocupação dos turistas com segurança e questões sanitárias nos destinos turísticos. De acordo com pesquisa realizada pela FUNDTUR, em torno de seis, em cada dez turistas, exigirão protocolos de segurança em transportes e equipamentos turísticos, e aproximadamente quatro em cada dez, preferirá destinos com menor índice de COVID-19 (Governo do Estado do Mato Grosso do Sul, 2021).

Diversos municípios da região do Pantanal Sul, como Aquidauana, Coxim, Corumbá, Miranda e Porto Murtinho, interromperam atividades turísticas ou adotaram medidas extremamente restritivas. Em Porto Murtinho e Coxim, o turismo de pesca havia sido suspenso por um período de 4 meses, em 2020 (Governo do Estado do Mato Grosso do Sul, 2020a). Neste período, foram planejadas e implementadas medidas sanitárias para a retomada (Decreto nº. 2.288/2020), que ocorreu no dia 10 de junho de 2020, quando o

fluxo turístico foi retomado de maneira gradual.

Para sinalizar os cuidados com medidas sanitárias, destinos turísticos e seus respectivos empreendimentos procuraram aderir ao selo de turismo responsável emitido pelo Ministério do Turismo. A maior mobilização dentre os municípios que recebem turistas de pesca foi a de Bonito, que é também um destino ecoturístico, seguido de Corumbá e Miranda. Coxim e Porto Murtinho obtiveram o menor número de adesões (Tabela 5).

Tabela 5

Adesões ao Selo de Turismo Responsável nos Municípios que Exploram Turismo de Pesca

Municípios	Agências de turismo	MH, campings, restaurantes e similares	Transport. e locadoras de auto	Empreend. de lazer, org. de eventos e outros	TOTAIS
Bonito	19	33	6	15	73
Corumbá	10	6	3	2	21
Miranda	2	7		1	10
Aquidauana	2	4			6
Anastácio		1		1	2
Coxim		1		1	2
Porto Murtinho	2				2
Ladário		1			1
TOTAIS	35	53	9	20	117

Nota. Fonte: Adaptado de MTur. (2021). *Portal do selo responsável*. <https://www.turismo.gov.br/seloresponsavel/>

A maior adesão verificada nos municípios de Bonito, Corumbá e Miranda parece coincidir com a percepção geral de que o turismo de pesca, em tais municípios, está mais profissionalizado e consolidado. São os municípios que apresentam o maior fluxo turístico e a maior diversificação da oferta no sistema do Pantanal Sul.

Considerações Finais

Os anos de 2019, 2020 e 2021 foram desafiadores para o turismo de pesca na região do Pantanal Sul e tudo indica que 2022 continuará sendo, com queda da renda, aumento do desemprego e aumento da desigualdade, e outros problemas sociais e ambientais. Quem se salvou possuía mais reserva financeira, usou soluções criativas com a busca de novos segmentos de mercado, diversificando a oferta, e enaltecendo um posicionamento mais sustentável. A percepção de sustentabilidade, do ponto de vista dos atores envolvidos, envolve a inclusão dos mercados emissores locais, prioridade da manutenção dos empregos e comunicação voltada à ideia do “pesque e solte”, que é visto como mais sustentável na perspectiva ambiental, em que se pesem as polêmicas acadêmicas que consideram que tal modalidade continua nociva ao meio ambiente.

Os requisitos que devem ser atendidos para sustentar o turismo de pesca nos pós-pandemia são a segmentação e o posicionamento sustentável, cuidados com a segurança e com o desenvolvimento socioeconômico dos destinos. Existe, contudo, um grande risco para tal manobra, pois a busca de novos segmentos não deve significar o abandono dos antigos e fiéis turistas.

Como será possível conciliar a determinação de novas restrições para a pesca esportiva amadora com as necessidades e desejos dos turistas que tradicionalmente visitam o Pantanal e que ainda são a maior parte dos visitantes? A maior parte dos visitantes para turismo de pesca, como foi discutido ao longo deste artigo, ainda se constitui de homens que viajam acompanhados de amigos e que voltam muito a um mesmo local de pesca, centrado em um determinado meio de hospedagem, seja ele um hotel, pousada ou “rancho” alugado ou cedido por um amigo.

Embora se perceba um otimismo por parte de empresários e gestores em relação à decisão de adotar o sistema de “pesque e solte” no Pantanal Sul, a medida é polêmica e não tem apoio unânime. O “pesque e solte”, na prática, foi implantado a partir de 2020, com a proibição do transporte do pescado e depois flexibilizado para um exemplar de qualquer espécie mais cinco piranhas. A decisão foi apoiada por empresários do setor que estão instalados nos polos turísticos mais consolidados e profissionalizados como Corumbá, Miranda e Bonito. Mesmo nestes locais alguns pequenos empresários, como pequenos lojistas de materiais de pesca, manifestaram preocupação, pois anteveem o risco de perder clientes tradicionais do turismo de pesca esportiva amadora.

Nos polos que recebem um público menos diversificado e mais tradicional, como Coxim, por exemplo, verificou-se um pessimismo latente em relação ao futuro e olham com desconfiança para a política do “pesque e solte”. A adoção de políticas que reduzam os efeitos das desigualdades em polos com o de Porto Murtinho, deverão ser cruciais na retomada do turismo pós-COVID. Como forma de inclusão dos polos turísticos menos estruturados, a adoção de promoção turística, em parceria com a FUNDTUR, pode estabelecer uma maior capilaridade do fluxo turístico constituído dos novos segmentos de turistas amadores, já que estes têm sido mais atraídos para os polos já consolidados.

Deve-se discutir mecanismos para uma transição gradual que permita a inserção racional de quesitos de sustentabilidade, e inclusão dos novos segmentos de mercado e manutenção dos antigos. A adoção das restrições deverá ser acompanhada de mais estudos que permitam ouvir empresários, população local e os turistas de pesca. Nesse sentido, foi fundamental a consolidação do Observatório de Turismo a partir de 2017, na FUNDTUR. Os estudos de perfil do turista de pesca e um maior cuidado com os dados estatísticos já permitem compreender melhor a movimentação do setor.

Parcerias para promover a inclusão de pequenos negócios, melhorar as condições de treinamento de pessoas, valorização de medidas de segurança e novas tecnologias serão cruciais para condutas mais profissionais nos destinos turísticos. A experiência em outros destinos e as práticas locais foram úteis para demonstrar a importância da gestão de

questões sanitárias, da necessidade de melhoria da comunicação com os clientes, da qualidade na prestação de serviço e do distanciamento social nos destinos.

Referências

- Abreu, A.C.C., Coelho, R.L.F., Camargo Filho, A.C., & Almeida, M.I.S. (2015). A imagem da pesca esportiva segundo seus praticantes. *Revista Pretexto*, 16(4), 47-64. Recuperado em 05 maio 2022 de <http://fumeec.br/revistas/pretexto/article/view/2371>
- Assine, M.L., & Soares, P.C. (2004). Quaternary of the Pantanal, west-central Brazil. *Quaternary International*, 114(1), 23-34. [https://doi.org/10.1016/S1040-6182\(03\)00039-9](https://doi.org/10.1016/S1040-6182(03)00039-9).
- Burke, A. (2021). The crossroads of ecotourism dependency, food security and a global pandemic in Galápagos, Ecuador. *Sustainability (Switzerland)*, 13(23). <https://doi.org/10.3390/su132313094>
- Cabugueira, A. (2005). A importância econômica do Turismo. *Turismo & Desenvolvimento*, II, 97–104. Recuperado em 06 janeiro 2022 de <https://scholar.archive.org/work/ccbomx4tgzflkt2niaf4nxmpu/access/wayback/https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/download/13885/9373/>
- Catella, A.C. (2005). *Reflexões Sobre a Pesca Esportiva No Pantanal Sul: Crise e Perspectivas*. Recuperado em 06 janeiro 2022 de <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CPAP/56374/1/ADM046.pdf>
- Coelho, M. de F., & Mayer, V.F. (2020). Gestão de serviços pós-covid: o que se pode aprender com o setor de turismo e viagens? *Gestão e Sociedade*, 14(39), 3698–3706. <https://doi.org/10.21171/ges.v14i39.3306>
- Decreto nº. 15.735, de 28 de fevereiro de 2020. (2020). *Altera e acrescenta dispositivos ao Decreto no. 15.166, de fevereiro de 2019, que regulamento o exercício da atividade pesqueira no âmbito do Estado de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências*. Recuperado em 06 janeiro 2022 de <https://do.corumba.ms.gov.br/>
- Decreto nº. 15.166 de 21 de fevereiro de 2019. (2019). *Regulamenta o exercício da atividade pesqueira no âmbito do Estado de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências*. Recuperado em 06 janeiro 2022 de <https://do.corumba.ms.gov.br/>
- Decreto nº. 2.288 de 17 de abril de 2020. (2020). *Disciplina sobre as medidas de prevenção ao COVID-19 adotadas por hotéis, pousadas, barcos-hotéis e demais meios de hospedagem*. Recuperado em 06 janeiro 2022 de <https://do.corumba.ms.gov.br/>
- Fonseca, G.P.S., Mendes, L.G., & Cañizal, J.M. (2021). Impactos da Pandemia de COVID-19 no Turismo do Pantanal de Mato Grosso. *Geo UERJ*, 39. <https://doi.org/10.12957/geouerj.2021.61319>
- Galdino, S., & Resende, E.K. (2000). *Previsão de cheias e secas da Embrapa auxilia pantaneiros*. In: ADM - Artigo de Divulgação na Mídia, 04(d). Recuperado em 05 janeiro 2022 de <https://core.ac.uk/download/pdf/15432827.pdf>

Gordo, M., & Campos, Z. (2003). *Listagem dos Anuros da Estação Ecológica Nhumirim e Arredores, Pantanal Sul*. Recuperado em 05 janeiro 2022 de <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/811113>

Governo do Estado do Mato Grosso do Sul. (2019). *Perfil do Turista de Pesca: Pesquisa de Demanda Turística de Mato Grosso do Sul*. Recuperado em 17 janeiro 2022 de <http://www.observatorioturismo.ms.gov.br/>

Governo do Estado do Mato Grosso do Sul. (2020a). *Impacto da COVID-19 no setor turístico de Mato Grosso do Sul*. Recuperado em 17 janeiro 2022 de <http://www.observatorioturismo.ms.gov.br>

Governo do Estado do Mato Grosso do Sul (2020b). *Com restrições, pesca esportiva opera nos principais polos turísticos do Estado*. Recuperado em 17 janeiro 2022 de <http://www.ms.gov.br/com-restricoes-pesca-esportiva-opera-nos-principais-polos-turisticos-do-estado/>.

Governo do Estado do Mato Grosso do Sul. (2020c). *Perfil dos pescadores amadores moradores do MS e a intenção de viagem*. Recuperado em 17 janeiro 2022 de <http://www.observatorioturismo.ms.gov.br/>

Governo do Estado do Mato Grosso do Sul (2020d). *Grupo de mulheres faz turismo de pesca em Corumbá e fomenta o Pesque e Solte em MS*. Recuperado em 17 janeiro 2022 de <http://www.ms.gov.br/grupo-de-mulheres-faz-turismo-de-pesca-em-corumba-e-fomenta-o-pesque-e-solte-em-ms/>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2021). *Portal Cidades*. Recuperado em 17 janeiro 2022 de <https://cidades.ibge.gov.br/>

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade [ICMBIO]. (2020). *Pantanal*. Cadastro Nacional de UCs, Geoprocessamento ICMBio. Recuperado em 17 janeiro 2022 de <https://www.icmbio.gov.br/portal/portaldabiodiversidade/50-menu-biodiversidade/222-pantanal>

Jamal, T., & Budke, C. (2020). Tourism in a world with pandemics: local-global responsibility and action. *Journal of Tourism Futures*, 6(2), 181–188. <https://doi.org/10.1108/JTF-02-2020-0014>

Jiang, Y., & Wen, J. (2020). Effects of COVID-19 on hotel marketing and management: a perspective article. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 32(8), 2563–2573. <https://doi.org/10.1108/IJCHM-03-2020-0237>

Kaewkitipong, L. (2011). Disintermediation in the tourism industry: an investigation of Thai tourism SMEs. *Int. J. Electronic Business*, 9(5/6).

Law, R., Leung, R., Lo, A., Leung, D., & Fong, L.H.N. (2015). Distribution channel in hospitality and tourism. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 27(3), 431-452.

Lei Estadual Nº 5.321, de 10 de janeiro de 2019. *Dispõe sobre a proibição da captura,*

do embarque, do transporte, da comercialização, do processamento e da industrialização da espécie Salminus brasiliensis ou Salminusmaxillosus – Dourado.

Ministério do Meio Ambiente [MMA]. (2006). *Caderno da Região Hidrográfica do Paraguai / Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Recursos Hídricos.* – Brasília: MMA.

Ministério do Turismo [MTur]. (2021). *Portal do selo responsável.* Recuperado em 17 dezembro 2021 de <https://www.turismo.gov.br/seloresponsavel/>

Morrinson, A.M. (2012). *Marketing de Hospitalidade e Turismo* (4a.). São Paulo: Cengage Learning.

Muñoz, D.M. (2018). Contribution to the concepts of fishing tourism and pesca-tourism. *Cuadernos de Turismo*, 42, 655–657.

Pardo, C. & Ladeiras, A. (2020). COVID-19 “tourism in flight mode”: a lost opportunity to rethink tourism – towards a more sustainable and inclusive society. *Worldwide Hospitality and Tourism Themes*, 12(6), 671–678. <https://doi.org/10.1108/WHATT-07-2020-0064>

Pereira, C.H., Martins, P.C.S., Lunas, J.R.S., & Aquino, J.M. (2014). Efeito multiplicador do turismo na fronteira entre Brasil e Paraguai. *Turismo & Sociedade*, 7(4), 815–837.

Rahmafritria, F., Suryadi, K., Oktadiana, H., Putro, H.P.H., & Rosyidie, A. (2021). Applying knowledge, social concern and perceived risk in planned behavior theory for tourism in the COVID-19 pandemic. *Tourism Review*, 76(4), 809–828. <https://doi.org/10.1108/TR-11-2020-0542>

Ramos, C. (2010). Os sistemas de informação para a gestão turística. *Tourism & Management Studies*, 6, 107-116. Recuperado em 20 fevereiro 2022 de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=18149>

Rodríguez, P.D., & Darias, A.J.R. (2021). Tenerife learning from Covid in the Canary Islands. Fishing-tourism as a proposal for economic diversification in Tenerife. *BARATARIA Revista Castellano-Manchega de Ciencias Sociales*, 30, 9–29.

Škare, M., Soriano, D.R., & Porada-Rochoń, M. (2021). Impact of COVID-19 on the travel and tourism industry. *Technological Forecasting and Social Change*, 163 (November 2020). <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2020.120469>

Vărzaru, A.A., Bocean, C.G., & Cazacu, M. (2021). Rethinking tourism industry in pandemic COVID-19 period. *Sustainability (Switzerland)*, 13(12), 1–19. <https://doi.org/10.3390/su13126956>

Violin, F.L., & Alves, G.L. (2017). Da pesca ao natural: Trajetória do turismo em Mato Grosso do Sul (1970 a 2015). *Sustentabilidade Em Debate*, 8(2), 130–146. <https://doi.org/10.18472/SustDeb.v8n2.2017.21382>

Autores

José Roberto da Silva Lunas: Doutor em Desenvolvimento Sustentável pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, CDS/UnB. Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS, nos cursos de Turismo e Engenharia Ambiental e Sanitária. E-mail: lunas@uems.br.

Elizabeth Dalana Pazzello: Mestranda em Desenvolvimento Sustentável pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (CDS/UnB). E-mail: dalana.pazzello@gmail.com